



# Um Génesis naturalista: serpentes do desejo, faces de Eva e folia de Adão

**PALAVRAS-CHAVE:** Eva, Adão, Abel Botelho, *Livro de Alda*, *Fatal Dilema*.

**KEYWORDS:** Eve, Adam, Abel Botelho, *Livro de Alda*, *Fatal Dilema*.

A narrativa mais antiga sobre criação do homem, proveniente da fonte javista, aparece na Bíblia, nos capítulos II e III do Livro do *Génesis*. No Antigo Testamento, enquanto modelo de perfeição, o Criador, Deus, fez o homem à sua imagem e concebeu, para ele, um mundo luxuriante.

Foi a Adão que Deus enunciou as regras do Jardim do Éden – Eva ainda não estava presente no momento do mandamento e da proibição – e cabe, pois, ao homem o dever de as honrar e de as fazer respeitar, nomeadamente não deixando colher os frutos da árvore do Conhecimento. Ora, o homem não soube conservar esta dignidade que Deus lhe dera e, aceitando comer o fruto que Eva lhe oferecera, transgride o mandamento divino. O mal espalha-se, pois, pelo mundo por intermédio dele.

Caberia, então, ao homem e à mulher parte igual de responsabilidade no primeiro pecado: Eva deixou-se, evidentemente, seduzir pela serpente, mas Adão transgrediu uma ordem vinda diretamente de Deus, quando devia ter sido capaz de mostrar o caminho da razão à mulher.

O facto é que a maioria das interpretações imputa a responsabilidade da saída do Éden a Eva. A imagem negativa de Eva veiculada pelos primeiros teólogos, tal como a de Santo Agostinho, nos séculos IV e V, está na origem de uma visão misógina da mulher, visão essa que ainda perdura até aos dias de hoje. Agostinho uniu, definitivamente, o pecado original à sexualidade, sendo que esse legado iria ser deixado a todos os filhos nascidos de Eva e de Adão, por via do ato sexual. Durante a época medieval, Eva foi considerada a cumpridora da intenção de Satanás e, por tal facto, iconograficamente, a serpente é muitas vezes representada com um rosto de mulher. A vulgarização deste pensamento agostiniano nas obras

dos pregadores, confessores e escritores permitiu que a assimilação entre pecado original e pecado sexual perdurasse ao longo dos séculos.

Não obstante, novas abordagens exegéticas dos capítulos II e III do *Gênesis* vieram pôr em causa a leitura paulina e descredibilizar os comentários patrísticos ou misóginos, que conferiam superioridade ao homem em relação à mulher. Se, porventura, no século XIX, tendências filosóficas insistiam ainda em preservar esta imagem de Eva, a verdade é que, com a ascensão da burguesia, novos ideais iriam surgir e que, aos poucos, a concepção misógina da figura feminina bíblica iria cair.

Numa perspectiva paulina, criada a partir de uma costela de Adão, Eva não tem ligação direta com Deus e é, por isso, inferior física e espiritualmente.

Jean-Pierre Prévost relembra, contudo, que o pensamento expresso por Adão - “Esta sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada «mulher» porque foi tirada do homem” - é “o primeiro discurso humano registado na *Bíblia*: [pois] nele se exprime o assombro do homem face à mulher” (2007: 85) e que, portanto, não se percebe “como foi possível uma ilação de qualquer tipo de inferioridade da mulher em relação ao homem” (ibid.).

O facto é que, nas abordagens exegéticas, Eva fora considerada de espírito frouxo e maleável, deixando-se, pois, ceder à tentação do fruto e este ato tornara-a responsável por todo o infortúnio da humanidade.

Esta imagem da mulher inspiradora do mal difundiu-se por todo o Ocidente, porque fora-lhe atribuída a pesada responsabilidade de ter levado Adão a comer da fruta proibida; ela deixara-se seduzir pela serpente e Adão só é condenável pelo facto de a ter acompanhado, deixando-se manipular pela própria sedução feminina: “Pegou no fruto e comeu-o; depois deu-o também ao marido que estava com ela, e também ele comeu” (*Gênesis*, III, 6). Eva passa a ser considerada a sedutora, a pecaminosa e, por isso, tem de ser duplamente castigada: parirá com dores e terá de se submeter à vontade do homem, enquanto o homem só estará sujeito a um castigo: o de trabalhar a terra. Jean-Pierre Prévost considera, pois, que o discurso bíblico sobre as mulheres, começando pelo de Eva, é um problema, uma vez que a leitura patrística da *Bíblia* prejudicou irremediavelmente a causa das mulheres na cultura ocidental (cf. 2007: 72).

No século XIX, esta imagem misógina de Eva ainda se encontrava profundamente enraizada nas mentalidades. Todavia, a industrialização e o impacto das ciências obrigaram a que o homem se reavaliasse totalmente, enquanto ser físico, moral e social. No segundo quartel do século XIX, o progresso trouxe mudanças subtis, mas profundas, nas atitudes e nas ideias. Os efeitos foram claros: houve “uma alteração na escala dominante de valores” (Furst e Skrine: 1971: 24) e a vida espiritual do homem ficou, irremediavelmente, transformada. O naturalismo, enquanto estética literária, esteve em absoluta concordância com o espírito da época e deu primazia à observação da realidade e à notação dos factos para atingir a verdade.

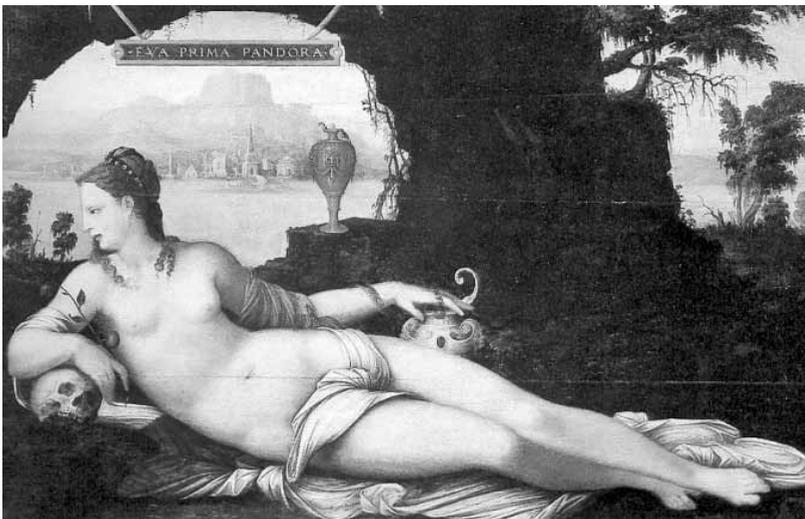
A teoria de Charles Darwin sobre a origem das espécies, de 1859, veio escandalizar o Ocidente, porque afastava a concepção religiosa difundida pela *Bíblia*, de que a origem da

humanidade se encontrava em Adão e Eva. A criação do homem deixava, pois, de ter origem em Deus, mas era reconduzível a ancestrais animais e primitivos, pois ele fora uma estrutura orgânica que, pelo acaso, se adaptara ao ambiente e que, para sobreviver, tivera de competir e vencer. A teoria de Darwin revolucionou, pois, toda a humanidade e influenciou as correntes de pensamento humano, as ciências e as artes.

Ora, nessa época, o gênio do romancista naturalista reside, precisamente, na capacidade que ele tem de se mover em dois planos: por um lado, enraíza os seus romances no real; por outro, confere-lhes um enaltecimento épico. Toda a sua superioridade reside, precisamente, na sua habilidade evocativa, na feliz conciliação do real e do mito.

Abel Botelho prefere, também ele, fazer reviver os mitos em vez de proceder a um retrato fiel do real. Tal como em Zola, no escritor português a preocupação com a observação e a documentação só tem razão de ser enquanto fundação a partir da qual se vai edificar o mito. Por conseguinte, em *O Livro de Alda*, Abel Botelho parte do real, mas transfigura-o por via do mito e confere-lhe, assim, uma dimensão pessoal. Mas tentemos, por ora, descobrir a luta dialética que o autor estabelece entre a natureza e a religião, entre o real e os mitos da criação e desvendar a expressão do seu mito pessoal.

O narrador-personagem, Mário, tece o seguinte comentário sobre Alda: “Era uma conceição singular, um misto modelar e incomparável de ideal magreza florentina, em que não há ossos, e da sólida fibrinação lombarda, que exclui a gordura. A mais franca e anadiométrica síntese da tenação, do vício inteligente, da perversão espiritualizada” (Botelho, 1979: 269). O Securas, uma outra personagem masculina, acrescenta, ainda, a respeito das mulheres “em toda essa enorme porção de ligações, legitimadas ou não, que todos os dias pra aí se fazem, não é a mulher, não que vem ao encontro da nossa proteção, do nosso carinho: é a fêmea que se agacha, faminta do nosso coito!” (ibid.: 327). Com o uso do mito de Adão e Eva, Abel Botelho pretende explicar a realidade humana.



Esta ideia oitocentista da mulher, enquanto mal sublime, veneno entorpecedor, prazer funesto, foi introduzida pelo outro sexo, que, dessa forma, a ligou ao pecado, ao infortúnio e à morte. Este mito de Eva aproxima-se, pois, do mito de Pandora: é o símbolo da tentação. Já no Renascimento, um quadro de Jean Poussin, intitulado “Eva prima Pandora”, mesclara os dois mitos: a figura feminina possui os atributos de Eva (a serpente, enrolada na mão) e de Pandora (o nariz e os pés gregos, o vaso que mantém fechado e o vaso aberto em *arrière-plan*). Singularmente, ela apoia-se num crânio, um atributo que não pertence nem ao mito de uma, nem ao mito de outra: as duas são pecaminosas, uma vez que a Pandora grega abriu o vaso de todos os males e a Eva judaica comeu do fruto proibido. As duas cometeram o pecado original e encontram-se, por tal facto, diretamente ligadas à morte.

Associando a mulher a um poder maléfico, o homem repete o comportamento arquetípico do seu antepassado bíblico, que, não assumindo a sua quota-parte de responsabilidade, responde a Deus: “A mulher que me deste por companheira deu-me o fruto, e eu comi” (*Génesis*, III,12). Toda a culpa recai, pois, sobre Eva.

Na estética naturalista, a personagem feminina de Alda é, tal como Eva, uma pecadora; é a origem da tentação perniciososa do homem e, por tal facto, desencadeia nele um forte sentimento de culpa em relação à sexualidade.

Mas, em *O Livro de Alda*, também existe um outro modelo antagónico da mulher: o da mulher virtuosa, fiel companheira e leal servidora do homem. Branca é a representação desse modelo:

Era uma formosura toda feita de suavidade e de perdão, mimosa, suplicante... Parecia como que pedir que a guardassem indemne a toda a paixão sensual; e todavia, se o seu amado o exigisse, deixar-se-ia talvez imolar mansamente. Receberia as cálidas imposições do amor numa impossibilidade de santa, e oferecer-se-ia em holocausto com uma extática resignação de mártir que mede bem o valor ao sacrifício. (Botelho: 1922: 110-111)

Uma linha aparentemente cristã parece subjazer, então, à conformação das duas personagens femininas, Branca e Alda. Na estética naturalista, a coexistência destes dois modelos serve para provar que o homem só peca por culpa da mulher: perante uma figura feminina pura e virtuosa, o homem compreende que “o seu doce perfil de virgem [tem] o aspecto perturbador e sagrado dessas incorpóreas figuras sonhadas, que, em certos delírios ardentes do desejo, a [sua] imaginação sabe idealmente entrecortar na tinta parda das brumas da tarde (...)” (*ibid.*). É, evidentemente, pernicioso para o mundo do homem a mulher-Eva, pecaminosa e sedutora, apesar de também ser sua serva. Neste contexto, o homem é, por natureza, virtuoso, feito à imagem de Adão e de Deus seu criador, ainda que se revele fraco e vulnerável quando se encontra perto da mulher demoníaca. Estes dois tipos femininos reproduzem as figuras que foram moldadas pela cultura judaico-cristã.

Não obstante, há que proceder a uma leitura mais atenta dessa dualidade, pois outros momentos há em que o Bem e o Mal se parecem confundir em cada uma dessas personagens:

Mas era mesmo tão dominadora, tão essencial em Branca esta irradiante luminosidade interior, esta transcendente aureola que lhe manava da expressão e lhe divinisa a figura, que eu durante muito tempo vivi na persuasão de que ela tinha os olhos claros, - quando estes eram negros como dois lagos de tréva em que brilhassem diamantes! (ibid.: 110)

A comparação dos olhos negros com “dois lagos de treva” remete para o obscuro do inconsciente, para o abismo impenetrável, para a morte, o inferno, ou seja, para o Mal. Sob o manto da pureza, esconde-se algo de inquietante: a morte.

De forma igualmente surpreendente, o narrador-personagem também reconhece haver, em Alda:

Mas, acima de tudo, o que me dava a canceiras de investigações sem termo era a fugaz, a gaiata, a inflexível expressão dos seus belos olhos de porcelana, olhos doidos, vivos, foliões, ardendo num brilho travêss e inconsistente, absolutamente impenetráveis... (...) tinham no entanto a espaços, em breves intercadencias de melancolia, como que compreensão e davam o reflexo interior do destino da pobre criatura! (...)

Pois esses belos olhos de esmalte e de fogo eram o meu desespero e o meu incanto... (...) Por detraz dessa translucida pupila azul, como através dum cristal cianurado, a fragmenteira alma da minha amante entrincheirava-se e escapava-me... fazia negaças. (ibid.: 158)

Contrariamente aos olhos escuros de Branca, os olhos claros de Alda refletem o estado da sua alma e os mistérios do seu triste destino: a pureza, que sempre nela existiu, transparece “por detraz dessa translucida pupila azul”.

Em *O Livro de Alda*, a complexidade destas duas figuras femininas é reveladora da metamorfose da interpretação da figura bíblica de Eva no século XIX. Mas eis que, em *Fatal dilema*, Abel Botelho retrata claramente o percurso de Eva:

– Seguramente, Eva, com seu pretendido erro, foi genial. Foi a grande precursora da vida da alma! Atacando corajosa a árvore do Mal, tornou-nos a vida aceitável... fez essa prodigiosa sementeira do Belo e do Bom sobre a terra, que nos enflora a existência e nos faz pensar no Infinito. (Botelho, 1983: 76)

Isabel fala de Eva, mas está, também, claramente a referir-se a si própria e à sua existência. Tal como em *Thérèse Raquin*, de Emile Zola, a personagem comete o pecado de adultério e dá sentido à sua vida, que, até então, ao lado do seu marido, não tinha nenhum. Ela é a Eva, a iniciadora do pecado, aquela que, num mundo de homens, decide lutar contra o *fatum* que é a sua vida de casada e entregar-se ao amor por Heitor. Em suma, o seu pecado é legitimado pela força de *eros* e, por tal facto, Isabel não alimenta qualquer sentimento de culpa pelo seu ato.

As serpentes do desejo incitam Alda a levar uma vida de devassidão e Isabel a cometer o adultério. Reproduzem, assim, o pecado de Eva:

A serpente era o mais astuto de todos os animais que Javé Deus havia feito. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus disse que não deves comer de nenhuma árvore do jardim?” (*Gênesis*, III, 1). A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim (*Gênesis*,

III, 2). Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Não comereis dele nem lhe tocareis, de contrário, morrereis” (*Gênesis*, III, 3). Então a serpente disse à mulher: “Não, não morrereis” (*Gênesis*, III, 4). Mas Deus sabe que, no dia em que comeres o fruto, os vossos olhos abrir-se-ão e tornar-vos-eis como deuses, conhecedores do bem e do mal”. (*Gênesis*, III, 5) Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. (*Gênesis*, III, 6)

A serpente é, pois, o elemento catalisador que deveria levar à morte; no entanto, e contrariamente ao que disse Deus, nem Eva nem Adão morrem, e acontece, precisamente, o que a serpente previra: o primeiro casal abre os olhos sobre si-próprio e sobre aquilo que o rodeia.

Na mitologia semita, para além da Eva e da Maria bíblicas, existe uma terceira mulher, Lilith, que está, também ela, ligada ao destino da humanidade. Tal como Adão, fora criada por Deus, mas a partir de lodo e de fezes. Forma, com Adão, o primeiro casal do Jardim do Éden, mas, já que também ela tinha sido criada à imagem de Deus, Lilith não aceita a sua posição subalterna, até no ato sexual. Enfrenta Adão e o próprio Deus e, rejeitando a sua condição de mulher subserviente, é obrigada a sair do Paraíso. Parte para o Mar Vermelho, lugar povoado por demónios. Adão, entristecido pela partida da mulher, adormece e, enquanto isso, Deus tira-lhe uma costela e cria Eva, uma mulher que lhe será submissa e que se converterá na mãe de toda a humanidade. É de crer que Adão tivera uma outra mulher, pois profere as seguintes palavras, depois de Eva ter sido modelada a partir dele: “Esta sim, é o osso dos meus ossos e carne da minha carne!” (*Gênesis*, II, 22). Tudo leva, pois, a crer que Adão tivera uma outra mulher, mesmo que dela não subsista referência no Antigo Testamento.

Após o seu exílio junto dos demónios, Lilith aparece a Eva para a enganar, tomando a forma de uma serpente. No imaginário judaico, esta figura feminina é o demónio da luxúria, que tentava sexualmente os homens.

As mulheres de Botelho são, pois, serpentes do desejo, representação da Lilith, enquanto arquétipo de independência e sensualidade. Enquanto mulheres, trazem com elas as marcas que a Lilith lhes deixara e que atormentam os homens:

Eu não sei o que se abriu, o que se rasgou dentro de mim, naquele momento... não sei que aleluia interior, que enristamento sensual, que ardido canto triunfante alargou e ergueu todo o meu ser, alvoraçado e húmido. (...) E a fascinação absoluta daquele olhar problemático e fino, entre divino e sensual, incómodo á força de penetrante, doloroso á força de prazer, continuava sempre. (Botelho, 1922: 28 e 30)

Lilith, enquanto arquétipo feminino de independência e sensualidade, encontra-se, aqui, emblematicamente figurada. Numa perspetiva naturalista, nem Alda, nem Isabel são propriamente o resultado de um determinismo inexorável, mas evidenciam o carácter congénito e hereditário de Eva: são pecadoras; como predadoras, agem em função da sua vontade e, ao rejeitar o marido ou ao prostituir-se por prazer, acabam por participar no rumo da sua própria existência:

Procuerei singelamente, à minha alma e aos meus nervos, a posição de actividade a que tinham direito. É no que se resume a vida. Creio ser isto um ato puramente natural, e perfeitamente legítimo, portanto. (Botelho, 1983: 63)

Em Abel Botelho, a mulher exprime a sua vontade de ser mulher, manifesta os seus desejos e age em função dos seus sentimentos; só tem, porém, identidade em função do homem. Desde que a figura feminina se mantenha ligada à figura masculina, ela existe; contudo, quando deixa de ter essa ligação, cai no abismo, como se a sua existência dependesse do amor do Outro.

Mário cai no enredo, quer de Alda-Eva, quer de Alda-Lilith, e perde, desde logo, a superioridade que Deus lhe dera através de Adão. Não resiste à mulher-pecado e à mulher-tentação, por um lado, e não quer perder a mulher-anjo, Branca, por outro, e, por tal facto, entra no domínio da loucura.

A Eva-Lilith, por detrás dos fenómenos de ninfomania e de histerismo, origina o amor, encontrando-se este associado ao sofrimento e à morte. Mário-Adão não consegue escolher entre a Alda-Eva/Lilith e a Branca-Maria, revelando fraqueza em relação às mulheres e encontrar-se-á irremediavelmente sentenciado à morte. Nietzsche explica que: “Un homme qui *veut* commande en lui-même à quelque chose qui obéit où dont il se croit obéi” (1971: 32). Mas Mário não quer ter vontade, não quer escolher, não quer optar por um ou outro dos sentimentos, por uma ou por outra mulher, e, assim, mantém uma relação promíscua e fraudulenta:

E vivia magnificamente bem assim, baldo á tristeza, alheio a cuidados, embalado ao concerto efemero de duas funções manifestamente incompatíveis, entre estes dois polos diametraes do amor deixando atoadamente rodopiar a vida. E nem sequer fazia reparo no que havia de afrontoso e indigno nesta duplicidade formal do meu afecto. Não me espantava do meu descaro, nem por um momento me dava rebate á consciencia semelhante dobrêz escandalosa e consciente, esta dupla traição a frio. Era como se me houvesse scindido em duas antinómicas afeições a alma; como se, alheio e hostil a si mesmo, o coração alimentasse a monstruosidade de duas correntes de amor mutuamente inconciliáveis, permanentemente inimigas! Um cinismo natural e espontâneo, uma diátese de depravação que agora me faz pavor, permitiam que eu trouxésse Branca e Alda ambas por igual embaladas no mais ledo e perfeito engano. (Botelho, 1922: 152)

A folia de Adão reside, precisamente, nesta incapacidade de Mário em escolher. Depois de ter provado o fruto proibido, Adão tomou consciência do Bem e do Mal e deixa, portanto, de ser puro e inocente. Relacionando-se sentimental e sexualmente com Alda e enganando Branca, Mário abriu as portas ao Mal e tem de ser condenado pelo seu erro. Porventura, a personagem não acredita no pecado original:

Não é sentimentalismo isto que eu te digo: é logica. É a perene e estúpida consagração, por esse mundo fora, da absurda invenção do Pecado Original... invenção a cujos dogmaticos efeitos disciplinares o homem, como é quem fabrica as leis e os costumes tem sabido cinicamente furtar-se, fazendo incidir todos os rigores da condenação sobre a outra metade da espécie. (ibid.: 253)

Na narrativa bíblica da criação de Eva, Deus cria a mulher porque “Não é bom que o homem esteja sozinho” (*Gênesis*, II, 18). A solidão tem, pois, de ser encarada como uma ausência que reduz a existência do homem ao nada; a sua existência só faz sentido na relação com o Outro feminino. No entanto, nessa relação, não há lugar para a poligamia, uma vez que esta desencadearia uma rutura na ligação com Deus. À luz do *Gênesis*, toda a relação sexual entre um homem e uma mulher deve ter por finalidade única a procriação, mas nem Mário nem Heitor cumprem com essa consignação: sob o jugo da sedução das mulheres, obedecem aos seus impulsos e rompem com os desígnios de Deus.

Em *O Livro de Alda* e em *Fatal dilema*, a relação homem-mulher está contaminada por conflitos de relacionamento e, conseqüentemente, a relação homem-natureza encontra-se, também ela, inquinada. A folia de Adão surge logo que o homem constata que, sem saída, só a morte lhe resta e assume, então, a sua condição de mortal. Contudo, a sua verdadeira morte reside na quebra que ele provocou entre si próprio e Deus, ele e o Outro e ele e a natureza.

Ora, a folia de Adão reside no facto de a serpente estar no seu coração, levando-o a optar por aquilo que está inscrito no seu íntimo, em vez de preferir seguir a vontade de Deus. Não tendo saída, o homem caminha para a degenerescência entrópica, degradando-se e destruindo-se enquanto ser humano.

Para a maioria dos filósofos, o Pecado Original tem de ser encarado como uma etapa necessária na evolução. Segundo Kant, a expulsão de Adão e Eva do paraíso deve ser interpretada como uma abertura para a liberdade. Ao desrespeitar o mandamento de Deus, o homem adquire o conhecimento e é, pois, livre de optar, de escolher o rumo que quer imprimir à sua vida.

Sem Eva, talvez a humanidade ainda estivesse presa à inocência, à pureza e ao sonho e nunca atingiria a grandeza. Só sabendo o que é o Bem e o que é o Mal, só podendo optar por um e por outro, é que o homem se pode tornar responsável pelos seus atos e pela sua vida.

Os naturalistas consideravam que a experiência da carne tornava o homem completo e que, para atingir a perfeição, o homem tinha que se render à luxúria. Consideramos, pois, tal como Schiller, que o Pecado Original foi “o acontecimento mais feliz do mundo”.

E é com as palavras lapidares de Nietzsche que encerramos: “Todas as coisas boas foram um dia coisas ruins, cada pecado original tornou-se uma virtude original” (Nietzsche, 2005: 103).

## Bibliografia

- Bíblia sagrada* (2009). Lisboa: Círculo de Leitores.
- BOTELHO, Abel (1983). *Fatal dilema*. Porto: Lello e Irmão.
- (1922). *O Livro de Alda*. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- FURST, Lilian R., SKRINE, Peter (1971). *O naturalismo*. Lisboa: Lysia
- NIETZSCHE, Friedrich (1971). *Ainsi parlait Zarathoustra. Œuvres philosophiques complètes, VI*. Paris: Gallimard.
- (2005). *Genealogia da moral: uma polémica*. São Paulo: Cia das Letras.
- PREVOST, Jean-Pierre (2007). *Os escândalos da Bíblia*. Lisboa: Paulus Editora.
- TOLDY, Teresa Martinho (1998). *Deus e a palavra de Deus na teologia feminista*. Lisboa: Paulinas.

.....

## **RESUMO**

A imagem negativa de Eva veiculada ao longo de cerca de quinze séculos está na origem de uma visão misógina da mulher. No século XIX, esta imagem de Eva ainda se encontrava profundamente enraizada nas mentalidades. Todavia, a industrialização e o impacto das ciências obrigaram a que o homem se reavaliasse totalmente, enquanto ser físico, moral e social. Em Abel Botelho, a complexidade das figuras femininas é reveladora da metamorfose da interpretação da figura bíblica de Eva no século XIX. O Adão de Botelho não consegue escolher entre a mulher-anjo e a serpente do desejo e encontrar-se-á, por tal facto, irremediavelmente sentenciado à morte.

## **ABSTRACT**

The negative image of Eve conveyed over some fifteen centuries is the cause of a misogynistic view of women. In the nineteenth century, this image of Eve was still deeply entrenched in the mentalities of the time. However, industrialization and the impact of science forced man to reassess himself fully in his physical, moral and social dimensions. In Abel Botelho, the complexity of his female characters is indicative of the metamorphosis in the interpretation of the biblical figure of Eve, in the nineteenth century. Botelho's Adam cannot choose between the woman-angel and the serpent of desire and will find himself, for this reason, hopelessly sentenced to death.